O INGLÊS FALADO EM “O GRANDE DESAFIO”:
ENTRE O SER E O CONTINUAR¹

THE SPOKEN ENGLISH IN “THE GREAT DEBATERS”:
BETWEEN THE BEING AND THE STILL BEING

BARBOSA, Daniela Camilo Portilho Amorim¹

MUNDIM, Mirian Mendes²

GRACELI, Nanci Costa Cardoso³

JESUS, Rildo Batista de⁴

JÚNIOR, Valdeir Belmiro da Silva⁵

LEITE, Thiago André Rodrigues⁶

RESUMO: A partir do filme “O Grande Desafio”, que retrata a história de discriminação de negros do início do século passado nos Estados Unidos da América, procuramos mostrar que o inglês dessa época é falado nos dias atuais. Isso porque, como acontece com qualquer outra língua, conforme discorre Saussure (2006), a massa falante e o tempo se encarregam de assegurar a permanência de significados de palavras e expressões que foram criados ao longo da história de uma língua. Ao afirmarmos “inglês falado”, queremos dizer que o ser e o continuar dessa língua dizem respeito a (in)formalidades.

PALAVRAS-CHAVE: “O Grande Desafio”. Inglês falado. Permanência da língua. (In)formalidades.

ABSTRACT: From the movie “The Great Debaters”, that tells the story of discrimination of black people from the beginning of the last century in The United States of America, we aim at showing that the English language of that time is spoken currently. It happens because, as with all languages, according to Saussure (2006), the society and the time ensure the permanence of meanings of words and expressions, being those meanings created during the path of a language. When we say “spoken English”, we want to say that the being and the still being of that language concern to (in)formalities.

1- Aluna do Curso de Letras da FUCAMP. danibarbosa2012@yahoo.com.br

KEY WORDS: “The Great Debaters”. Spoken English. Permanence of language. (In)formalities.

1. Introdução

A década de 30 do século passado, nos Estados Unidos da América, foi permeada por emancipação política, racismo, discriminação, injustiça, determinação, amor, esperança e honra. O filme “O Grande Desafio” (The Great Debaters), 2007, foi baseado na história real de Melvin Beaunorus Tolson, professor de uma pequena universidade voltada para negros no Texas, no ano de 1935. Com um elenco notável, que inclui dois vencedores do Oscar (Denzel Washington e Forest Whitaker) e jovens talentosos, “O Grande Desafio” é um filme que retrata as características citadas da década em questão.

Denzel Washington interpreta o verídico professor Tolson, que liderou uma turma de garotos prodígios da Willey College, instituição de ensino apenas para negros. Esse professor usou métodos pouco convencionais, graças à sua visão política e ao poder de suas palavras para motivar seus alunos, os debatedores. Os jovens Henry Lowe (Nate Parker), Samantha Boone (Jurnee Smollett) e James Farmer Junior (Denzel Whitaker) formaram a equipe praticamente imbatível de debatedores. Por isso, o título original: “The Great Debaters”, o qual pode ser traduzido literalmente por “Os Grandes/Ótimos Debatedores”.

Resumidamente, o filme em questão retrata que o professor Tolson conseguiu formar uma grande equipe de debatedores, já que estes venceram todos os concursos em que foram inscritos, superando até mesmo os alunos da renomada Harvard em uma competição nacional. Esses concursos, que não têm tradição no Brasil, incluindo esta competição, colocam duas equipes de estudantes frente a frente, os quais precisam defender seus pontos de vista sobre temas pré-definidos. Para tanto, usam argumentação com o intuito de convencer jurados a lhes dar a vitória no debate.

A partir de “O Grande Desafio”, procuramos mostrar que o inglês da década de 30 é falado nos dias atuais. Isso porque, como acontece com qualquer outra língua, conforme discorre Saussure (2006), a massa falante e o tempo se encarregam de assegurar a permanência de significados de palavras e expressões que foram criados ao longo da história de uma língua. Ao afirmarmos “inglês falado”, queremos dizer que o ser e o continuar dessa língua dizem respeito a (in)formalidades.

2. Massa falante e tempo: a “eterna” permanência da língua

Baseando-nos em Saussure (2006), consideramos que a massa falante, entendendo esta como a própria sociedade, transmite e recebe um sistema linguístico (língua) constituído por fatores históricos, o que elimina quaisquer transformações gerais ou repentinas no interior desse sistema. É por isso que,

a qualquer época que nos remontemos, por mais antiga que seja, a língua aparece sempre como uma herança da época precedente. (...) De fato, nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal (SAUSSURE, 2006, p. 85-86).

A língua, sistema linguístico, de que trata esse autor, é constituída por signos linguísticos, os quais são arbitrários. Isso significa que todo e qualquer signo linguístico une um conceito (significado) a uma imagem acústica (significante). Por ser um conceito de uma imagem, nos contentamos com o signo do qual essas propriedades fazem parte, já que, de certa forma, não sabemos como substituí-lo.

Exemplificando, diríamos que um falante de língua inglesa que recebe a imagem acústica “house” (casa) associada ao conceito de “a place to live and rest” (um lugar para viver e descansar), quando se deparar com essa mesma imagem, possivelmente a associará a esse mesmo conceito. Afirmamos “possivelmente” porque o signo linguístico é arbitrário, podendo o signo “house” ser associado a outros conceitos a depender da relação com outros signos. Nesse sentido, a língua é passível de alterações, visto que a arbitrariedade é constitutiva de seus termos. No entanto, para Saussure (2006, p. 83), a arbitrariedade

não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala, porque não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico; queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (grifos nossos)

O signo linguístico não depende pura e simplesmente de nossa vontade para que mude. Não dizemos que um signo será este e não mais aquele, posto que a massa falante e, também, o tempo se encarregaram de exercer esse poder sobre a língua. Em outras palavras, conforme Saussure (2006, p. 88), “se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente

porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. Ambos os fatos são inseparáveis”. Em um dado momento da história de cada sociedade, significados foram sendo associados a significantes.

É por isso que, segundo Saussure (2006, p. 88), “dizemos homem e cachorro porque antes de nós se disse homem e cachorro”. Entretanto, esse mesmo autor diz que

o signo está em condições de alterar-se porque se continua. O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é relativa. Eis porque o princípio da alteração se baseia no princípio de continuidade (SAUSSURE, 2006, p. 89). (grifos nossos)

Embora a massa falante e o tempo assegurem, de certa forma, a “eterna” permanência da língua e sua continuidade, é fato que sempre será possível que haja alterações nos elementos constitutivos do signo linguístico (significado e significante). Isso explica o porquê de aspermos o termo “eterna”, pensando justamente na aparente contradição teorizada por Saussure (2006) ao dizer da imutabilidade e da mutabilidade da língua. Retomando a citação acima, há “a persistência da matéria velha” (imutabilidade), mas “o signo está em condições de alterar-se porque se continua” (mutabilidade). Se está em “condições”, isso significa que não é a todo o instante que o signo passará por alterações.

Na perspectiva da “eterna” permanência da língua, apresentamos aspectos do inglês falado na década de 30, nos Estados Unidos da América, a partir do filme “O Grande Desafio”. Nesse filme, observamos que a língua inglesa foi herdada por falantes de diferentes famílias, garantindo, ao mesmo tempo, sua imutabilidade, o ser, e sua mutabilidade, o continuar, tanto no registro formal quanto no registro informal dessa língua.

3. (In)formalidade da língua

Neste trabalho, estamos tomando a língua padrão (culto) como sendo o registro formal, enquanto a língua popular (coloquial) como sendo o registro informal. Assim, conforme Pellegrini e Ferreira (1996, p. 35), a primeira é “(...) reconhecida pela gramática como modelo de bem falar e escrever”, já a segunda “(...) não se prende às normas gramaticais, modificando-se espontaneamente em nosso cotidiano”.

O registro formal de uma língua é aquele ensinado nas escolas, servindo de veículo às ciências. Caracteriza-se pela obediência às normas gramaticais. Sendo mais empregado na

linguagem escrita, reflete prestígio social e cultural. Esse registro é aquele que os falantes empregam, normalmente, quando não existe familiaridade contextual. Já no registro informal, não há preocupação com regras gramaticais, é uma linguagem mais familiar, de sorte que permite o emprego de expressões coloquiais.

De acordo com essa distinção entre (in)formalidade da língua, apresentamos algumas frases empregadas no filme “O Grande Desafio” que se caracterizam ora como registro formal ora como registro informal da língua inglesa.

3.1 Phrasal verbs: definição e enunciado

Os “phrasal verbs” (verbos frasais) são bastante usados pelos falantes nativos da língua inglesa, sendo conhecidos como “two and three-word verbs”. Descritos pela grande maioria das gramáticas como locuções verbais da língua inglesa, são formados por verbos acompanhados de partículas que podem ser preposições ou partículas adverbiais. Segundo Amorim (2004, p. 242), nos “phrasal verbs”, “o significado não pode ser deduzido a partir do verbo e da partícula adverbial” ou preposição.

Em muitos casos, há verbos que cabem no lugar dos “phrasal verbs”, porém o falante nativo usará, geralmente, um “phrasal verb”, conforme notamos no enunciado dito pelo personagem Trudell no filme em questão: “I’ll cut your head off” (Vou arrancar sua cabeça), tendo “cut off”, um verbo frasal, o significado de “arrancar”. Nesse enunciado, consideramos que houve o emprego informal da língua inglesa, já que, segundo vimos no filme, o ato de arrancar a cabeça foi apenas metafórico.

3.2 There is e there are: definição, enunciados e relação com “pharsal verb” e “ain’t”

Usamos “there is” e “there are” para dizer de certas existências, significando, de forma geral, “há” (verbo haver no sentido de ter ou existir). “There is” é usado para falarmos de algo no singular. Já “there are” é usado para falarmos de algo no plural. No filme, observamos alguns usos de “there is” e “there are”, o que pode ser comprovado nos exemplos a seguir. “There is a revolution going on in the North” (Há uma revolução acontecendo no norte), enunciado dito pelo professor Tolson, e “Yes, there are other sources” (Sim, há outras fontes),

enunciado dito pela aluna Samanta Booke. Nesses dois enunciados, consideramos que houve o emprego formal da língua inglesa.

Julgamos importante frisar que, no primeiro enunciado, foi empregado um “phrasal verb”, qual seja, “go on” (acontecer), porém no tempo verbal “present continuous”: “going on” (acontecendo). Como mencionamos, com base em Amorim (2004), não podemos deduzir o significado dos “phrasal verbs” tendo como parâmetro verbo e partícula adverbial ou preposição. Em língua inglesa, “go” significa “ir” e “on” significa, normalmente, “em”. No entanto, “go on” não significa “ir em”, mas, sim, “acontecer”, o que nos remete ao que diz Saussure (2006) sobre o valor de um signo linguístico, valor esse que se constitui somente na relação com outros signos linguísticos.

Em relação aos dois enunciados citados acima, caso tivessem sido ditos na forma negativa, “there is not” e “there are not” (registro formal), uma das possibilidades de transpô-los para o registro informal seria empregando a palavra “ain’t”. Segundo Lima (2010, p. 18), “(...) ain’t, na história da língua inglesa, sempre foi usado por pessoas de todos os níveis sociais e classes, inclusive reis e rainhas. Isso é tão verdadeiro que algumas expressões (...) em inglês soam muito mais naturais quanto ditas com ain’t”.

Cabe dizer que “ain’t” aparece em várias expressões e momentos do dia a dia em que a língua inglesa é usada informalmente, isto é, de maneira coloquial. No filme, o aluno da equipe de debatedores James Farmer Junior afirmou: “I ain’t afraid!” (Eu não tenho medo!), estando “ain’t” no lugar de “am not”, configurando-se a ideia de Saussure (2006) de que é a fala, língua em ação, que faz uma língua evoluir. Não compreendemos esse “evoluir” como “melhorar”, mas, sim, como “continuar”, no sentido de aparecimento de novas relações entre signos e novos signos na língua (mutabilidade).

4. Considerações finais

Assim como com qualquer outra língua, a língua inglesa evoluiu gradualmente, visto que, segundo Saussure (2006, p. 91), “quem cria uma língua, a tem sob domínio enquanto ela não entra em circulação; mas desde o momento em que ela cumpre sua missão e se torna posse de todos, foge-lhe ao controle”. Entretanto, não ao controle total, já que, com base nesse autor, a língua constitui sempre uma herança de épocas precedentes, ligada ao peso da

coletividade e situada no tempo, o que lhe garante sua mutabilidade, mas também sua imutabilidade.

É por isso que o discurso formal de James Farmer Junior no final do filme “O Grande Desafio”, discurso esse que marcou a vitória do grupo de debatedores da modesta universidade Willey College sobre a graduada Harvard, está para a ordem da imutabilidade. Prova disso é que esse brilhante aluno citou uma frase de Agostinho de Hipona (354-430), a qual, mesmo após mais de um milênio, tem um grande significado para a contemporaneidade, a saber: “an unjust law is no law” (uma lei injusta não é uma lei).

5. Referências Bibliográficas

AMORIM, José Olavo. Longman: gramática escolar da língua inglesa. São Paulo: Longman, 2004.

LIMA, Denilso de. Gramática de uso da língua inglesa: a gramática do inglês na ponta da língua. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

PELLEGRINI, Tânia; FERREIRA, Marina. Palavra e arte: 2º grau. São Paulo: Atual, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 2006.

Filme: O grande desafio. Drama. 2007.